

FLORESTA DA ENCOSTA ORIENTAL

A chamada "floresta atlântica" do Brasil, ou "mata costeira" ou "floresta oriental" ou ainda "Dryades" segundo Martius, estende-se em latitude, por quasi 25°, na encosta oriental do planalto brasileiro, desde o Rio Grande do Norte, indo morrer nas ondulações das serras do Erval e Tapes, ao sul.

Dado o seu caráter equatorial, é como que outra "Hylaea" envolvendo o Brasil pela face oceânica. Essa imensa fachada de vegetação densa dá ao visitante desprevenido uma noção falsa do que seja o interior do país; imagina-se o Brasil todo montanhoso e florestal, mas, galgado o planalto, a paisagem muda completamente e cai-se, em geral, no domínio dos cerrados.

Esta barreira vegetal constituiu um obstáculo à penetração do interior, exercendo ao mesmo tempo um papel de fixador de grupos litorâneos. Deffontaines diz mesmo que a massa florestal foi mais difícil de vencer do que o escarpado da encosta. Com o bandeirantismo e os ciclos da cana de açúcar e do café, a selva foi cedendo à penetração.

O assentamento destas matas numa encosta pronunciada e erigida em barreira, cujos rebordos mais elevados tem a altitude média de 800 a 1.000 metros, explica-se principalmente pelo alto grau higrométrico reinante, em função mesmo do relevo: as chuvas e a umidade são garantidas pelos ventos que, soprando do Atlântico, são retidos pela barreira montanhosa, a qual funciona então como gigantesco condensador, em virtude do conhecido fenômeno: as massas de ar úmido, obrigadas a se elevarem ao longo da encosta, expandem-se pela diminuição de pressão, e resfriam-se condensando o vapor d'água, que se resolve em chuvas ou permanece sob a forma de névoas. O ponto de maior pluviosidade está no Alto da Serra de Cubatão (Santos) com 3.635 mm anuais (média de 60 anos). Favorece ainda a formação florestal a temperatura, cuja média anual não excede 26° (Pernambuco) nem desce a menos de 17° (Rio Grande do Sul). Aqui, como na Amazônia, a vegetação, determinada sobretudo pela umidade e pela temperatura, mostra-se relativamente indiferente ao fator geológico. A natureza do solo não deixa, contudo, de ter certa influência: oriundo da decomposição de rochas do Complexo Cristalino Brasileiro, constitue êle ótimo terreno para o desenvolvimento da floresta.

A floresta oriental, bem como o clima que a condiciona, constitue uma verdadeira faixa que se desenvolve paralelamente à costa, e cuja largura média é de 200 quilômetros: a dilatação máxima não ultrapassa 350 km. Mostra-se mais contínua e compacta no trecho entre a foz do São Francisco e Iguape. De São Paulo para o sul, quando a montanha beira o mar, a faixa florestal torna-se estreita, parecendo insinuar-se entre o Oceano e o alto da Serra. Em alguns pontos ela avança muito para o interior. E' o que sucede quando acompanha os vales dos rios que nascem no planalto, como o Jequitinhonha, o Mucuri, o Doce e o Paraíba do Sul.

A sua maior similitude com a "Hylaea" é observada nas baixas latitudes; à medida que se estende para o sul, a diferenciação em espécies se acentua, dado o abaixamento da temperatura média. A especial situação em encosta, oferecendo vários degraus, permite u' a melhor insolação e os indivíduos não são tão solicitados à luta pela luz como na selva amazônica; crescendo menos, engrossam mais os seus troncos. A variação de temperatura, à medida que se sobe a encosta, concorre ainda para a variedade de espécies. Tais fatores tornam a "Dryades" a zona mais rica em madeiras preciosas do Brasil.

Certas espécies hileanas apresentam na orla florestal atlântica uma dispersão considerável, quando não em toda sua extensão: o jacarandá é encontrado entre 12 e 22° de latitude; o assai do Pará desce mais, vai a 25°, segundo afirma Gonzaga de Campos. Notam-se ainda: as sapucaias, as sucupiras, os angelins e copaibas, que são vistos em menor número até o Paraná. Entre as essências contam-se os cedros, as cangeranas, os jatobás, os angicos, as perobas, as imbuías, os ipês, os paus d'arco, e dominando pelo porte, os jequitibás.

Entretanto a composição variada destas matas, se é valiosa para o botânico, torna-se um fator de desvalorização sob o ponto de vista econômico. As espécies como que se diluem no conjunto florestal. Realmente, a ausência de "talhões", ou seja, matos de igual composição, torna difícil a exploração comercial. O professor P. Deffontaines sintetizou bem o fato, ao expressar que "A riqueza botânica da floresta brasileira é uma pobreza econômica".

A gravura apresenta justamente um aspecto do único grande bloco vegetal que ainda resta da antiga floresta oriental, hoje tão devastada: as opulentas matas do Rio Doce, no Espírito Santo e em Minas Gerais. Tem elas servido até hoje de fonte generosa para a exploração da madeira, naqueles Estados; são muito ricas em ipê-peroba (peroba de Campos), a madeira de maior consumo em nossas construções e marcenarias; tem ainda sido largamente exploradas para o fornecimento de combustível usado na siderurgia em Minas Gerais, para o qual apresentam uma reserva consumível em vinte anos, segundo estimativas. As consequências das derrubadas já se fazem sentir. Ph. von Luetzelburg assinalou no centro do E. Santo, outrora todo recoberto, grandes soluções de continuidade na mata. Já se acha, contudo, em projeto a criação do Parque Nacional do Rio Doce, que preservará da destruição um dos mais típicos trechos da "Dryades". E' na região nordeste do Brasil que talvez a destruição tenha sido mais intensa. Na Paraíba, por exemplo, o coeficiente florestal, outrora 36 %, reduz-se hoje a poucos décimos percentuais, em manchas remanescentes, o que torna necessária a importação de lenha de Pernambuco. O principal responsável pelo deflorestamento no nordeste foi a cana de açúcar; é justamente na região açucareira que a devastação é mais expressiva. No sul, foi a cultura cafeeira o maior determinante das derrubadas, sobretudo no vale do Paraíba. E' expressivo terem algumas regiões a denominação de "zona da mata", onde no entanto, o panorama florestal foi substituído por uma paisagem agrícola, pecuária ou industrial. Tal acontece em Minas Gerais, e na zona açucareira do nordeste. O serviço de Proteção à Natureza, já vem, em nosso país, tomando medidas de precaução, criando em vários pontos parques nacionais onde a flora e a fauna merecem cuidados especiais e são convenientemente estudadas. Na região da floresta da encosta oriental, já se acham criados os parques de Itatiaia e da Serra dos Órgãos, além de diversas "Estações Biológicas", tais como a do Alto da Serra em São Paulo. No Distrito Federal há um bellissimo exemplo de reflorestamento, levado a efeito a partir de 1862 pelo major M. Gomes Archer e pelo seu sucessor, barão de Escagnolle Taunay: as majestosas matas da Tijuca, que hoje recobrem montanhas outrora inteiramente devastadas.

